

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A RUSSIA POLITICA E SOCIAL

XVII

Agora o czarismo nas suas tentativas reformadoras luta com uma força mais poderosa, que a sua vontade.

Ao sultão apenas se oppõem os abusos, ao kzar oppõe-se o sentimento da sua conservação; nenhuma reforma é possível, sem que cedo ou tarde desabe a autocracia—esta só pôde durar com os poderes corruptos, com as massas embrutecidas, com a submissão enervante dos servos, sem a iniciativa dos homens livres,—mas também assim a nação não pôde desenvolver-se, é tudo inercia:—não se cria a classe média, a mais necessaria á vida das nações; o paiz nunca sahe da miseria; e como sem boas finanças se não sustentam exercitos, Alexandre II, a quem a guerra da Crimeia avisava do perigo que corria o imperio, resolveu-se a dar um passo para a liberdade, mas deu-o cauteloso, e de modo que tudo por ora ficou no mesmo estado, sómente tornou mais febris os desejos de uma situação igual á que disfructam as outras nações europeas.

Assim a Russia está n'uma alternativa fatal, ou immovel, com toda a sua inferioridade moral, industrial, commercial, e agricola, sem finanças, sem exercito de cidadãos, e portanto debil; ou progressiva e rica com a rehabilitação de todas as classes, e a morte do czarismo.

Apezar dos nihilistas o despotista estava seguro podia cair hoje —mas amanhã a nação elevaria outro—podia haver uma conspiração contra a pessoa do imperador, mas não haveria uma revolução contra o imperio.

A sua força estava na debilidade e pequeno numero dos democraticas—e em que o absolutismo é a tradição, o habito, o regimen e a opinião dos boyards provincianos e de 36 milhões de habitantes do centro que davam o tom ao imperio, e que tomavam o czar por um representante da divindade. Hoje já tudo mudou:

XVIII

Esta maneira de sentir, que é tradicional, veio-lhes do Oriente, origem do povo russo: d'ahi a submissão cega, religiosa, excitada por um clero fanatico, a qual é o ponto sensível, a mola, com que se faz mover, ou se reprime o colosso do Norte.

Este sentimento de obediencia patriarchal existia nos paisanos, n'uma grande parte da nobreza provinciana, e também no exercito.

Era o poder para elles como o era nas sociedades primitivas.

XIX

A Russia parecia estar reservado o papel de civilisar a Asia, mas já deve renunciar a exercel-o no extremo—Oriente, onde os japonezes se anticiparam. Em todas as reformas politicas, e resistem á expansão dos russos—

são elles que tomam o seu lugar.

Só agora o imperio czarino se resolveu a modificar a sua constituição, singularmente artificiosa e compressora dos direitos e da acção de todas as classes—um monstro—como vimos.

Notemos, que as vastas planícies da Russia não são menos férteis que o melhor terreno, que a Europa se jacte de possuir—mais de duzentas e cincoenta mil legoas quadradas, susceptível das mais rendosas culturas devem permittir-lhe augmentar a sua população, elevando-a de 150 milhões d'almas a 230 ou 250. Reformando-se social e politicamente o seu poder tornar-se-ha muito para ser limitado

—
Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Eil-os jungidos á nora, fazendo subir e descer os alcatruzes, afim de escoar o poço; trabalho improficuo, qual era o das Danaides em encher a tulha furada, pois furados estão os alcatruzes.

Que crime grave commetteriam elles para que Vulcano os condemnasse a uma pena tão pesada —prisão perpetua no inferno, obrigada a trabalhos tão duros e infamantes.

O seu passado é terrível, e, qual naufrago em occasião critica, agarram-se ao ultimo recurso e infamam os outros, reproduzindo fielmente os pesadellos que soffrem durante as longas e fastidiosas noites.

E' triste que não haja meios de socorrer estas duas almas *in corpore uno*, chamando-as á vida real, e fazendo-as comprehender a luz da verdade.

Só a camara é que tem o condão de lhes fazer extravazar toda a bilis que contêm; só a camara é que os faz chorar, porque, ingenuos, parecem que chorando, ainda podem mamar.

A fartadella foi de lobo; já não ha que comer, e todos estão de sobre-avizo.

Ainda que a *villanagem* d'outra ora voltasse á Camara já não se podia *fartar*.

Tempos que vão e não voltam

Os dois jungidos exigem, com maus modos, que lhes satisficamos a sua curiosidade, fazendo-nos innumeras perguntas.

Não deviamos responder, porque não somos nenhuma agencia de informações, nem tal attenção nos merecem; comtudo, para satisfazer algumas curiosidades, diremos sem garantir a veracidade da nossa affirmativa, que os oito contos de réis nominaes em inscripções, que a Camara pretendeu vender, eram destinadas a alguns vereadores pagarem as suas dividas e de sua familia, e conseguiram capitaes para entrarem para sociedades, que tivessem por fim *pescar e conservar*, ou qualquer outro, em que se ganhasse dinheiro honradamente ou não, confor-

me o systema inglez segundo se conta.

Depois d'isto disseram-nos que tinham dado taes informações na errada suposição de que actualmente estavam na Camara gente, que outr'ora guerriou, e que, com grande prejuizo para o concelho, e em favor dos parentes, tinham administrado os bens municipaes, pois presumiam que a Camara actual tivesse sido dissolvida e que a *união* tivesse dado o seu assalto.

Garantiram-nos mais que os dois jungidos ainda têm esperança no futuro —porisso berram.

A tontinha da «irmã», sem reflectir em que batia em si propria e em que maguado o «irmão», queixa-se do estado de trez estradas municipaes—Guilhovae, Rua da Fonte e detraz da Egreja.

O estado é realmente mau, mas a actual Camara herdou-as em peor estado do que se encontram, com excepção da ultima, e isto porque a Camara anterior tinha mais em que gastar o dinheiro, como é do dominio publico e como o temos provado exuberantemente.

Deve a «irmã» lembrar-se do estado em que a Camara transacta deixou a ponte de Guilhovae, e deve saber o que já gastou a actual.

A estrada da rua da Fonte tem o trilho *suavissimo* que o «irmão» em 1894 mandou fazer e que a «irmã», durante a sua gerencia, achou magnifica, porque não lhe buliu, decerto por ser uma *ratoeira* só para *peões e vehiculos*, porque, se fosse também *ratoeira* para outros *animaes*, tal trilho não existiria.

A estrada de *traz da Egreja* não tem pedra, porque d'ahi foi retirada para evitar que os duellistas, quando ahi se fossem bater, machucassem as costellas, quando cahissem ao chão de susto, ou quando fugissem; e não tem covas, porque é necessario ter o terreno preparado para o duello, ha muito tempo annunciado.

Tudo isto para ser agradável aos «irmãos».

Que enorme desgosto não tem o «irmão» com o facto de a fabrica de telha d'Ovar não fornecer a dita para os telhados da Egreja.

Nós sentimos muito, mas devemos respeitar a opinião da Junta de Parochia, e é o proprio «irmão» quem justifica a deliberação tomada.

Diz *elle* que o que sempre se fez nas arrematações é exigir que o artigo a fornecer seja de boa qualidade; e diz mais que a fabrica d'Ovar não tem telha alguma em deposito, e que a fabricada, mal chega para consummo.

E' verdade isto; mas a Junta, reconhecendo que a telha d'Ovar não é de boa qualidade, já pelo barro empregado, já pelo fabrico, segundo têm affirmado as fabricas d'Aveiro; reconhecendo mais que os productos d'esta também são suspeitos, sendo verdade o que diz o dono da fabrica

d'Ovar, reconhecendo como verdade incontestavel que os barros d'Oliveira do Bairro e Pampilhosa são muito superiores em qualidade aos das outras localidades, e reconhecendo finalmente, como mágua sua que a fabrica d'Ovar não tinha telha em deposito, nem a podia fornecer para que, dentro do prazo designado no contracto de arrematação, fossem feitos os telhados da Egreja, indicou as fabricas d'Oliveira do Bairro e Pampilhosa para fornecerem a telha, porque só essa considera a Junta ser de boa qualidade.

Que pena!

O «irmão», lhes diz, recompensará tudo, se poder, é claro, attenta a sua reconhecida generosidade.

Vem a proposito um caso curioso, que se deu no anno de 1895, e no dia 31 de Dezembro, o ultimo da gerencia municipal do «irmão».

Foi o dia de juizo, um desfazer de feira, lembrou o grito de alarme de—salve-se quem pudér—dado em occasiões criticas da vida.

E' simplesmente espantoso! N'um unico dia e bem memoravel, o ultimo do anno de 1895, pagou a Camara Municipal d'Ovar, como consta do diario de receita e despeza, e isto *sómente* dos mandados passados n'um dia, a importancia de 7:424\$158 réis—são sete contos quatro centos vinte e quatro mil cento e cincoenta e oito réis!!!!

E' curioso o exame numerico d'estes mandados, já pelas verbas pagas, já pelas pessoas a favor de quem foram passados, mas nós nada adiantamos com isso, porque todo o concelho está bem informado, não nos dispensando comtudo de, com vagar e tempo, fazer umas leves referencias a algumas parcelas dos taes réis 7:424\$158, gastos n'um só dia.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

XIV

Qual era o plano do Firmamento?

O homem contempla a ordem dos mundos—compara-se com a natureza infinita, immensa, eterna, o sempre bella—e sente a magua da sua inferioridade—mas reflete, e consola-se—porque se é pequeno vê em si o resumo do universo (theoria do microcosmo)—o seu espirito aspira do infinito, a sua intelligencia tudo abrange, é sensível á belleza, goza-a—inspira-se, um genial divino o anima—se é ephemero, e decai, a sua raça acompanha a natureza atravez dos seculos—e aqui vem a sciencia, que lhe diz—não a invejes, os mundos extinguem-se — a terra acabará depois da humanidade, comtudo se renovarão, se todo o universo se destróer, será para renascer mais perfeito.

Ficou a poesia deficiente em quanto á belleza do mundo exterior, e a esta lacuna me referi eu

conversando com o sr. Passos na jornada de que já fallei.

A intenção do *Firmamento*, embora comece por um—*gloria a deus*—exclamação, que uma exigencia grammatical me obrigou a empregar, não é ser uma ode religiosa, tem outra significação, outro character, como já notamos.

Clara fica a origem das suas estancias depois de revelada e explicada por mim. Mas era bem escura antes. Podia dar um premio a quem a descobrisse—só podia explical-as quem as concebeu, e comsigo longamente as meditou.

A musa do sr. Passos, que não se alava, como provarei *pela analyse das suas poesias*, a voar tão facilmente por essas regiões, onde tudo eram trevas para elle, e onde a luz do seu espirito a não guiava!!

Com a sua fraude foi o sr. Passos festejado, e porque lhe denunciou o impudente e louco abuso de confiança, ainda haverá quem me dirija insultos e remoques?!

Bem conhecia o bondoso e modesto Silva Ferraz o ridiculo procedimento do illustre Passos—e não sei como não lh'o estranhou e reprehendeu alguma vez—como consentiu em lhe ser dedicado o *Firmamento*?

Naturalmente por delicadeza extrema não recusou com receio de suppór-se uma censura ao acto ignobil—não sei—mas quando em Lisboa o interpellei sobre a dedicatória, encolheu os hombros de um modo, que mostrava não acceital-a nem approval-a e pela sua nenhuma hesitação em affirmar o plagio do *Firmamento* do *Noivado* e *d'outras poesias mais* me pareceu querer affastar a suspeita de ter sido connivente.

Já disse, que a minha primeira ideia era rematar a poesia por uma como visão da humanidade progressiva e feliz no meio dos encantos da natureza—era como um grande protesto contra tantas lamurias desaboridas d'alguns poetas contemporaneos, e mesmo contra o Passos, que aliás não é *ultra-romantico* nem *Obermanista*—como o sr. Theophilo o classifica—nos seus aguados versos não ha essas côres frisantes e definidas.

Mas afinal, depois de compôr as primeiras estancias, a ruína e a morte de todos os mundos induzidas dos principios expostos vieram causar-me uma impressão mais dolorosa, que todos os cantos d'aquelles nossos poetas, que apenas enfasiavam.

Desde então diminui a meus olhos a importancia da vida, da humanidade, da terra, de todo o nosso futuro — para que tantas luctas, esforços, progressos, tanto saber tantas aspirações á felicidade, se tudo tem d'extinguir-se —ainda que seja d'aqui a milhares de seculos?!

Principalmente, quando na leitura de *Flammarion* achei a confirmação da minha poesia, que eu receiava publicar por ir d'encontro á crença geral dos competentes, dos grandes mestres da sciencia.

Só em 1864, onde annos depois, como se lê em *Flammarion*, Estudos sobre a Astronomia, no

volume relativo a 1864, pag. 179 e seguintes—o professor americano Gustavo Henrichs veio provar, que não é **estavel** o systema do Mundo, contra Laplace e contra os astrónomos contemporaneos, que, diz elle, julgam a sua estabilidade como um facto evidente, quando não é senão uma hypophese derivada d'outra, que nada tem de solida, a de um **melo não resistente**, ou d'uma resistencia insensivel.

Podiamos até indicar o methodo seguido nas suas demonstrações—mas não é preciso.

A epocha sinistra, que previmos, já não encontrará a terra com vida, mas inerte e solitaria.

No *Drama Eterno*, que escrevemos para substituir o Firmamento, a mesma impressão apparece mais accentuada—e todos verão, que o auctor do primeiro o deve ser do segundo.

Mas eu não podia crer, que a humanidade, a vida, e a natureza fossem destruidas para sempre, estremecia d'antever a solidão eterna e absoluta, assombrava-me a ideia da morte da terra, como se essa immensa desgraça tivesse de succeder em nossos dias, e tanto me repugnava a ideia do fim eterno dos mundos, que imaginei: o seu renascimento, ou o concludo dos mesmos principios e factos de que dependia o acto final do drama do universo, como já expliquei.

A poesia saiu das entranhas do meu pensamento—e não será facil negar uma filha ao pai, que a reclama.

Vamos ao *Noivado*.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

O Universo ás escuras

I

A luz não existe—é apenas um effeito, ou sensação nos seres vivos.

Só existem as vibrações do ether, que produzem o que chamamos lar, calor, electricidade.

Os olhos recebem a impressão das vibrações do ether, e a transmittem ao cerebro, que é quem vê.

A luz só existe como sensação organica—como ser real, exterior é uma illusão.

Um poeta nosso, e de muito merito, considera a luz como sendo o que tudo produz, transformando-se. O ether vibrando é que deve considerar-se a causa transformadora, e não a luz, sem nenhuma realidade.

O universo está ás escuras.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

ELLA...

«E' uma flôr!» diziam os rapazes.

Effectivamente, toda a formosura que a menina ostentava, fazia com que as pessoas a alcunhassem d'isso. Ella além de possuir uma phisionomia elegante, é d'uma educação perfeitamente religiosa. Ella... com quanto fosse designada a ser conquistada por todos os rapazes solteiros, nunca se via *faire la cour enfantillge ou jeune homme*, que não fosse de semelhante nobreza. E essas pessoas que verdadeiramente estão na altura de conquistarem um bem, fosse pelo que fosse diziam:—E' uma flor. Mas se Deus não olhar por ella, desfolhará suas pétalas em logar improprio. Não foram ditas sem fundamento, porque ainda que taes palavras tivessem um sentido com pouca possibilidade de pôr em acção, dentro em pouco tempo teve visivel explicação. E' certo que o rapto fez sem *contrainte*. E essa flôr mimosa, essa flôr orvalhada e cheia de encantos, quiz abandonar as galas da nobreza, ir buscar o seu consorte, á humilde officina, procurando assim viver na mansidão e entre os que trabalham. No entanto não quer isto dizer que com isso, ella, essa flôr, perdesse alguma parte do seu valor. Isso não; subir ou descer, não cança senão o corpo. Sahir d'um palacio e entrar n'uma humilde choupana, não soffre senão a vista. Retirar, em fim, d'uma terra onde a sombra dos arvoredos consola os seres viventes, e ir para um deserto onde o sol com o seu calor intenso, nos tira a côr natural, não faz perder o brilho da educação, nem o emblema da honra familiar. Portanto: Taes flores posto que sejam assim apanhadas, são sempre mais perfeitas.

—E' uma flor. Mas se Deus não olhar por ella, desfolhará suas pétalas em logar improprio. Não foram ditas sem fundamento, porque ainda que taes palavras tivessem um sentido com pouca possibilidade de pôr em acção, dentro em pouco tempo teve visivel explicação. E' certo que o rapto fez sem *contrainte*. E essa flôr mimosa, essa flôr orvalhada e cheia de encantos, quiz abandonar as galas da nobreza, ir buscar o seu consorte, á humilde officina, procurando assim viver na mansidão e entre os que trabalham. No entanto não quer isto dizer que com isso, ella, essa flôr, perdesse alguma parte do seu valor. Isso não; subir ou descer, não cança senão o corpo. Sahir d'um palacio e entrar n'uma humilde choupana, não soffre senão a vista. Retirar, em fim, d'uma terra onde a sombra dos arvoredos consola os seres viventes, e ir para um deserto onde o sol com o seu calor intenso, nos tira a côr natural, não faz perder o brilho da educação, nem o emblema da honra familiar. Portanto: Taes flores posto que sejam assim apanhadas, são sempre mais perfeitas.

—E' uma flor. Mas se Deus não olhar por ella, desfolhará suas pétalas em logar improprio. Não foram ditas sem fundamento, porque ainda que taes palavras tivessem um sentido com pouca possibilidade de pôr em acção, dentro em pouco tempo teve visivel explicação. E' certo que o rapto fez sem *contrainte*. E essa flôr mimosa, essa flôr orvalhada e cheia de encantos, quiz abandonar as galas da nobreza, ir buscar o seu consorte, á humilde officina, procurando assim viver na mansidão e entre os que trabalham. No entanto não quer isto dizer que com isso, ella, essa flôr, perdesse alguma parte do seu valor. Isso não; subir ou descer, não cança senão o corpo. Sahir d'um palacio e entrar n'uma humilde choupana, não soffre senão a vista. Retirar, em fim, d'uma terra onde a sombra dos arvoredos consola os seres viventes, e ir para um deserto onde o sol com o seu calor intenso, nos tira a côr natural, não faz perder o brilho da educação, nem o emblema da honra familiar. Portanto: Taes flores posto que sejam assim apanhadas, são sempre mais perfeitas.

Agosto de 1906

Antonio Maria de Mattos.

Reflexos pallidos

IV

E' muito nova ainda e podemos, até, dizer, que é um anjo de... menoridade!

Devia ter soldado os primeiros vagidos no berço, ao som das retumbantes festarólas com que, antigamente, se solemnizavam, na nossa terra, as victorias das grandes batalhas eleitoraes. Rasão, talvez, porque, parece ter bebido com o leite o ar impregnado da alegria d'aquelle tempo visto ser

dotado d'um espirito alegre e folgassão.

Em noites de S. João ou de S. Pedro, sob os pavilhões revestidos de rosmaninho, e á luz pyralampica dos *venizianos*, é ella quem mais canta sem se esfalfar.

Uma vez, n'uma amena tarde outomnal, encostada ao gradeamento da praça, junto do *fontenario*, e parecendo mergulhada n'um profundo somno lethargico, escutou uma voz que lhe chamava *Fada*.

Relampejou-lhe no olhar uma doce satisfação. E—como dizia Junqueiro:

«Sorriu, tremeu e... quedou silenciosa.»

Gil-Braz.

Boletim Elegante

Fazem annos:

no dia 4—o Snr. Abel Narcizo da Costa Lamy.

e no dia 5—a menina Olivia, filha do Snr. Manoel de Pinho da Graça.

—Fez annos no dia 29 d'Agosto um netinho do conceituado e estimado clinico dr. João d'Oliveira Baptista.

A seus paes Antonio de Sá Fragoes e D. Barbara Baptista e a seu considerado avó, as nossas sinceras felicitações.

NOTICIARIO

Exames do 2.º grau

Terminaram na quinta-feira passada os exames do 2.º grau de instrucção primaria que este anno se realizaram na séde do circulo escolar de Oliveira de Azemeis. Como se verá pelo resultado que hoje publicamos, o nosso concelho apresentou-se d'uma forma brilhante que houve sobremodo os professores proponentes aos quaes damos os mais sinceros parabens.

Escola official do sexo feminino da rua da Ponte, professora D. Maria do Carmo Josepha Isidora:

Approvadas: Emma Pinheiro Gaioso, Florinda R. da Graça, Irene da Silveira Abreu, Isolette Bordallo Coelho, Maria Lopes Felix, Palmeira da Costa Martins e Zelio Gomes Pinto. Total 7.

Escola official de S. Vicente, professora D. Bernarda Maria Jesus:

Approvadas: Felicidade Ayres Rebello, Rosa Luiz d'Andrade e Rosalina Luiz d'Andrade. Total 3.

Collegio do SS. CC. de Jesus e Maria:

Approvadas: Maria Celeste Carrellas, Maria José Nunes da Silva (distincta) e Maria José Oliveira. Total 3.

Escola Condo de Ferreira, professora D. Gracianda Augusta Marques dos Santos:

Approvados com distincção: Alberto Soares Balreira, Antonio G. Estriga, Carlos Oliveira Faneco, Domingos M. Gomes dos Santos, Domingos de Oliveira Valente, Hypolito Lopes d'Oliveira, Jayme Ferreira Perola, José Edmundo d'O. Muge, Manoel Maria Duarte, Manoel Rodrigues, Viriato Bordallo Ferreira Coelho e José Regal de Castro.

Approvados: Affonso Dias de Carvalho, Alvaro Luiz de Souza, Antonio André Gomes de Oliveira, Antonio Godinho Marques, Francisco Rodrigues da Silva, João M. Valente da Fonseca, José Alberto da Rocha, José Ricardo da Silva Graça, José da Silva Bonifacio, Manoel da Silva Pinto e Manoel Soares de Araujo. Total 12 distincções e 11 approvações.

Escola official de Arada, professor Manoel Barnabé Lopes:

Approvados: Custodio Ferreira da Silva, José Joaquim da Costa, Manoel Ribeiro e Manoel Rodrigues Cardoso. Total 4.

Escola official de Esmoriz—Professor, Pedro Lopes Barbosa.

Approvado: Manoel Fernandes da Costa.

Do professor particular, Manoel Camarinha Abragão:

Approvados: Affonso d'Araujo d'Oliveira Cardoso, Affonso de Quadros Camarinha Abragão (*distincto*), Antonio Gomes Duarte, Francisco Alves Ferreira Ribeiro, José Lopes Pinto, José Maria Gomes Ramillo e Manuel Rodrigues Caetano. Total 6 approvados e um distincto.

Não houve nenhuma reprovação.

ACHADO

Por uma creada do nosso amigo José de Castro Sequeira Vidal, foi achada uma certa quantia em dinheiro que será entregue a quem provar que lhe pertence.

Pesca

Melhorou a pesca na costa do Furadouro, havendo lanços de 500\$000 rs. para baixo.

A sardinha que tem sahido é bastante grande.

Aguas da Curia

Especificas no tratamento de doenças dos rins, figado, bexiga e em diferentes especies de dermatoses.

A' venda na pharmacia—Baptista—Largo da Praça—Ovar.

Ovar—Praia do Furadouro

Uma das mais lindas e pittorescas praias de Portugal é incontestavelmente a do Furadouro e, entretanto, é das menos conhecidas dos portuguezes.

Além das suas preciosas belezas naturaes, gosa da vantagem de estar a pequena distancia de Ovar, essa typica e ridente villa duriense, cujas mulheres realisam um dos mais perfeitos typos de belleza nacional.

Sobre o Furadouro e Ovar publica o sr. Antonio Dias Simões, no n.º 14 do esplendido magazine lisbonense «Serões», um interessante artigo historico e descriptivo, muito illustrado com clichés do sr. Ricardo Ribeiro, que virá de certo chamar a attenção do publico para essa formosa praia, bem digna de ser visitada por todos quantos apreciam a natureza.

Escola Normal do Porto

O resultado dos exames de admissão na Eschola Normal do sexo feminino foi o seguinte:

Approvadas: Aurora Alves da Conceição Ribeiro, 14 valores; Herminda do Espirito Santo de Azevedo, 14; Isabel Maria Stuart Torrie de Almeida Carvalhaes, 14; Maria dos Anjos Ferreira de Vasconcellos, 14; Maria Ascenção dos Santos Proença, 14; Maria do Carmo Gonçalves Negreiro, 14; Maria Rosa Ferreira dos Santos Torres, 14; Rosa Sampaio da Fonseca, 14; Alda Ferreira de Figueiredo, 13; Alice Henriques da Silva Monteiro, 13; Belmira Josephina da Silva, 13; Constança Adelaide Mendes de Andrade, 13; Laura de Jesus Pereira, 13; Maria Augusta Teixeira, 13; Quiteria Moreira da Rocha, 13; Antonia Olympia Sarmiento Negreiros, 12; Arminda do Sacramento Pereira Cardoso, 12; Candida Duarte, 12; Carolina da Silva Ramalho, 12; Margarida Lopes Braga, 12; Maria do Rosario Rangel Cardoso, 12; Albertina Candida Soares da Cruz, 11; Albina Pacheco, 11; Belmira Paula de Oliveira, 11; Bertha Rosa de Souza, 11; Etelevina Neves, 11; Hortencia Carolina da Rocha Amorim, 11;

FOLHETIM

As Ruinas

Astro bello, que estás ahi sorrindo,
Pairando sobre nós, a que aventura,

A que scena has tu vindo?
De ti diante, a vida, o goso, e as dores,
O tempo em seu abysmo vai sumindo!
Só tu não perdes nunca a formosura,
Nem os serenos joviaes fulgores!...

Aos seculos presides, gira a terra
Presa ao fatal poder em ti occulto,
Do teu festivo e radioso vulto
Sobre tudo o que o vasto globo encerra
A viva luz derramas,
E só momentos podem tuas chammas
A existencia animar!...
Corre no espaço, deixa o mundo que amas
Nas sombras expirar!

Qu'importa a meiga aurora
Accenda os raios divinos,
E a terra alegre em seus hymnos
Se volta á luz creadora?

E que as ondas t'espelhem, e sedento
No prado o lyrio te respira a luz?
E venha ao teu fulgor buscar alento
O insecto a quem seduz?

Que vale esse matiz d'intensas côres
Os olhos nos illuda, e o mundo enfeite?
E doce alento, universal deleite
Influam teus ardores?

Astro, que os raios fitas
Nos ermos, onde jazem as cidades
E as gerações extinctas e as idades,
Nos degredos do tempo não meditas?

Quem sabe aonde elevas a memoria?!
Do mundo a origem, a ignorada sorte
Das primitivas—innocentes hordas,
E dos imperios a soberba historia,
E tudo o que foi grande e bello e forte,
Lá nos céos não recordas?

Da terra alumiando os horisontes,
Out'ora viste abrir o seio aos montes,
Do granito os monólithos informes
Em porticos sublimes transformados,
Estatuas colossaes, templos enormes,
A um deus em ti supposto consagrados!...
Ouvistes os hymnos das nações infantas,
Viste cahir depois os teus altares...
E ainda hoje nos restos seculares
Derramas a luz viva como d'antes!

Só vaga um rumor incerto
Pelos valles e as collinas,
Onde o echo das ruinas
Responde á voz do deserto...

E n'alguma columna mutilada
Sem saber os mysterios
Do abysmo, que sorveu tantos imperios,
Sorri a flor ingenua e descuidada!

Por fim a natureza o ser nos toma,
Extingue-se a memoria que mais dura.
Tudo se olvidará, Cezar e Roma...
E' um vasto sepulchro a terra escura!

Nada, ó astro te commove?
Sobre o prazer, sobre as dores,
A ordem fatal se move
Dos globos indifferentes!
Se viçam ou murcham flores,
Qu'importa aos raios ardentes?!

Ó symbolo d'eterna mocidade,
Tu és ainda o mesmo! E soberano,
Immortal, reinarás na immensidade,
Sempre formoso e de teu brilho ufano?

Aos mundos, que tu vês ahi rolando,
Que o teu ardor inflamma,
N'um mysterio perpetuo dominando
O seu girar infindo...

Os annos ante a viva—alegre chamma
Como folhas do tempo irão cahindo?
1860

Almeida e Medeiros

Antonia de Souza Ribeiro, 10, Joaquina do Santos, 10.

Das 49 concorrentes, admittidas a este exame, ficaram approvadas 29.

Exames finais.

Das 57 alumnas matriculadas na 3.ª classe do curso d'esta Eschola, foram approvadas no exame final as seguintes:

Distincta: Adelia Ferreira de Araujo Costa, 20 valores.

Bom: Alda Pereira da Costa, 18 valores; Anna Alves da Silva, 18; Elvira Magnificat Pereira de Abreu, 18; Evangelina da Silva Ramalho, 18; Laura Villaça, 18; Balbina Pereira de Sequeira, 17; Leonor de Jesus Coelho, 17; Lucinda Candida Osorio, 17; Maria Augusta de Almeida, 17; Maria da Graça Azevedo, 17; Maria Henrique da Silva Monteiro, 17; Maria Villaça, 17; Branca Gomes Moreira, 16; Joaquina Vieira de Mello, 16; Maria Camilla Sobral, 16; Arminda Correia da Silva, 15; Dulce Faria do Amaral, 15; Francisca Adelaide de Vasconcellos, 15; Gracinda da Silva Rebello, 15; Laura Augusta Pêra, 15; e Maria Rosinda Moreira da Silva Reis, 15.

Sufficiente: Bernardina Moreira da Rocha, 14 valores; Clotilde Helena de Antas da Gama, 14; Lucinda da Conceição Braga, 14; Laura Gonçalves das Neves, 14; Isaura Moreira Nunes Brandão, 13; Maria Joaquina Gomes Correia, 13; Florinda Flavia Pontes, 12; Margarida Mendes da Costa Guimarães, 12; Maria Candida do Carmo Pinto, 12; Thereza de Jesus Castro Pegas, 12; Beatriz Alice Sá Campos, 11; Eugenia da Silva, 11; Maria Ventura Cardoso dos Santos, 11; Abigail de Jesus da Costa e Silva, 10; Celia Trini Correia do Nascimento, 10; Ermelinda de Rezende, 10; Ernestina Adelaide Passos Rocha, 10; Gracinda Pereira da Silva Castro, 10; Idalina Celeste do Couto Figueiredo, 10; Isaura Teixeira da Lara, 10; Maria Augusta Fernandes, 10; Maria Candida Fernandes Pegas Pauperio, 10; Maria do Carmo Cyriaco de Cardoso, 10; Maria da Gloria Passos Rocha, 10; Maria da Gloria Pinto de Aragão, 10; Maria da Piedade Moraes, 10; Rachel de Souza Ferreira, 10; Rosa Pinto de Almeida, 10; Salomé Ramos Moutinho, 10; e Virginia Augusta Frias de Abreu, 10.

CORRESPONDENCIA

Vallega. 29-8-906

Não tencionavamos fallar novamente no assumpto da nossa ultima correspondencia, mas a isso nos obriga o Faz-tudo que no seu arrasado tenta defender o Rev. Abbade, acusando-nos de mentos verdadeiros e de rabulas.

Toda a gente vê que foi infeliz; pois, começando por metter os pés pelas mãos, cahé n'uma serie de contradicções que não precisaríamos de pôr em destaque, visto que são bem palpaveis e ao alcance de todos.

Em todo o caso, para que não haja quem ponha em duvida as nossas apreciações juntas e desinteressadas, tocaremos, ao de leve, n'alguns pontos da mistella do tão conspicuo articulista que não podem passar sem o devido correctivo. Assim, comemos por uma das suas phrases mais rascantes: quem não pode trapaceia.

Perfeitamente d'accordo, sr. Faz-tudo, pois lá diz o rifão:

Chama antes que tu chamem.

O desplante com que o Faz-tudo disse que nós, é que, deturpamos os factos, não nos espantou nem espantará ninguém, pois, por demais, é conhecido.

Insistindo nas pseudo-arbitrariedades, que só povoam a sua mente, qual constante obsessão, e que attribue ao sr. Regedor Veiga, puxa do catrapacio que enxerga entre as escripturas e trasladada estas disposições: «Os regedores de parochia não devem conferir bilhetes para enterramentos de cadaveres nos cemiterios publicos sem certidão de facultativo que verifique o obito.»

E, todo ancho, acrescenta, á laia de commentario: «que a pessoa morta não precisa de certidão d'obito para se lhe dar sepultura, mas o coveiro é que precisa de bilhete para enterramento de cadaver e nunca de certidão d'obito, que é qual outro passaporte para emigrante.»

Não sei se se entenderam a miscellanea.

Mas então, grande snr. Faz-tudo, qual é o documento essencial sem o qual nenhum cadaver pode ser inhumado?

A certidão d'obito, sem duvida, pois sem esta não pode existir bilhete de enterramento.

A existencia deste bilhete exige necessariamente a existencia da certidão d'obito, e, portanto, embora peze ao sr. Faz-tudo, continuaremos a affirmar-lhe que a lei é expressa: nenhum cadaver póde

ser inhumado sem a respectiva certidão d'obito.

O sr. Regedor Veiga procedeu, pois em harmonia com a lei, intitando o coveiro a não dar sepultura ao cadaver, sem elle, regedor, ser entregue da respectiva certidão d'obito, sem a qual é claro, não podia, por seu turno, passar ao coveiro o respectivo bilhete.

Alguem, porém, espirito fraco facilmente suggestionado pelo Faz-tudo ou por outrem a quem as certidões d'obito infundem justificado horror, pretendia impôr-se ao coveiro, contrariando as ordens do sr. Regedor, chegando mesmo a dizer que as certidões d'obito não eram precisas para couza alguma, muito tolerante foi, pois, o sr. Regedor.

Por ultimo o Faz-tudo troca o papel de procurador pelo de thuribulario e, eil-o todo acudado envolvendo n'uma nuvem d'incenso o Rev. Pastor.

Não vem agora a proposito, sr. Faz-tudo, transcrever, para a «Discussão» alguns bocadinhos doiro da celeberrima representação ao bispo em que Rev. Parocho, que agora tanto incensa, era apreciado d'um modo vil e calumnioso.

A copia d'essa representação, assignada pelo sr. Faz-tudo e outros, que, afinal, se tornaram acolytos do Rev. Pastor (quem tal di-rial) deve estar lavrada em casa.

Ahi verá, sr. gran Faz-tudo que o nosso termo leviano é benigno de mais comparado com os termos d'essa representação de que esperamos transcreva alguns bocadinhos, como acima lembramos.

X.

EDITAL

Districto de Recrutamento e Reserva n.º 24

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente coronel de infantaria e Commandante do districto de Recrutamento e Reserva n.º 24.

Faço publico nos termos do § 2.º do artigo 75 do regulamento dos serviços de recrutamento de 24 de Dezembro de 1901, que a inspecção sanitaria tem logar nos dias abaixo designados nos Paços do Concelho d'Ovar devendo para effeito de comparencia á mesma, os mancebos recensados no corrente anno solicitar as guias (modelo 9) ao respectivo secretario da commissão do recenseamento.

Ovar nos dias 11 e 12 de Setembro.

Vallega no dia 13 de Setembro.

—Diga-lhe, meu senhor, que nós—dizia ella com voz tremula—que... morremos, sim que já morremos... ambos!

Na manhã d'esse mesmo dia, quando os ultimos raios do sol poente purpurisavam a cumiada das montanhas, e pelos respaldos dos outeiros vinham descendo as voltas esfumadas do crepusculo, voltavam ambos para a Izabellinha.

Sentavam-se repetidas vezes na orla do caminho, a fingir que a distancia os fatigava! Permanciam silenciosos durante alguns minutos, um ao lado do outro, com os olhos esmorecidos e roxos de chorar.

Mas o homem, quando via rebrantar as lagrimas nos olhos da mulher, fazia-se forte, continha a commoção, e dizia-lhe baixo, a sorrir contrafeito, acotovelando-a d'esguelha:

Então, ó Anna! Ail que já não tenho companheira para as romarias!

E era triste vêr então aquelles

Cortegaça e S. Vicente de Peireira Jusão, 14 de Setembro.

Esmoriz, em 15 de Setembro. Arada e Maceda, em 17 de Setembro.

Quartel em Aveiro, 22 d'Agosto de 1906.

O commandante, Candido P. d'Oliv.ª Valença, T.ª C.ª

Aos caçadores

Antonio da Cunha Farraia, participa que acaba de receber directamente de Liège-Belgica, um variado sortido de espingardas e seus accessorios, para diferentes preços.

—Pede portanto ao respeitavel publico, a fineza de vêr a sua fina qualidade e bom gosto que decerto todos confirmarão.

Garante-se a qualidade e modicidade de preços, que são mais razoaveis do que os de qualquer casa do Porto, no genero

Rua da Graça

OVAR

Antonio da Cunha Farraia

SAL

Pelo preço dos outros negociantes, vende-se no logar da Poça.

Manuel Ferreira Dias.

Agradecimento

A familia do fallecido Placido d'Oliveira Ramos agradece pehoradissima, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a e acompanharam o extinto á sua ultima morada, protestando-lhes sua eterna gratidão.

Ovar, 11 de Agosto de 1906.

AO PUBLICO

Antonio Maria Mattos, alfaiaite; faz saber que na sua caza se fazem com perfeição,—sobretudo, capas, habitos, batinas e tudo o que diz respeito á sua arte.

Antonio Maria Mattos.

Largo da Poça—Ovar.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Ovar e cartorio do escriptivo do quinto officio—Lopes—correm editos de trinta dias a

dois velhos seguirem para a sua aldeia, a pé, cabisbaixos, a suspirarem de quando em quando, com o coração retalhado pela mais cruel das decepções!

O Sermão

Era um dia de festa e de grande romaria.

Desde madrugada, que eu estava debruçado no muro do meu quintal, á sombra de uma acacia, onde trinava um rouxinol, para ver passar os romeiros, que se dirigiam, em bandos, para o arraial.

Antes de chegar ao adro, passava-se por dois arcos de murta com flores, dos quaes pendiam bandeiras e galhardetes de cores garridas.

A's onze horas da manhã ouvia-se o murmurinho surdo do ajuntamento no logar da romaria. Pela estrada já pouca gente passava; e a que ainda vinha á festa, caminhava de vagar, fatigada, rente dos muros das quintas, para se abrigar do calor ardente e abafado de julho.

De repente, na curva que a estrada faz, junto do pinheiral, appareceu a carruagem da sr.ª

contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando os interessados Francisco de Pinho da Graça, solteiro, maior, e Antonio de Pinho da Graça, solteiro, menor pubere, e ambos residentes em parte incerta da cidade de Manaus, dos Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orphanologico por obito de seu pae João de Pinho da Graça, morador que foi na rua Nova, d'Ovar, e em que é cabeça de casal a viuva Rosa Nunes, d'ahi, sob pena de revelia, e sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 24 d'Agosto de 1906.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão substituto,

Amadeu Soares Lopes.

A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crochê, frivolidé, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores do papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200m. les pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes do que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumprir notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de

ERNESTO CHARDRON — Porto.

Principia no dia 1.º de qualquer mez

PREÇO EM TODO O ANNO:

em anno 4\$000

seis mezes 2\$500

Numero avulso 200



viscondessa, que era, n'esse anno, a juiza da festa.

Os transeuntes paravam, encostados aos muros, e voltavam-se para ella, com os chapéus na mão, como se abrissem passagem respeitosa a uma rainha. A carruagem descoberta era tirada por duas egoas inglezas, que esbofavam com ruido, batendo as patas a compasso na areia fina e reluzente da estrada. O cocheiro vinha apumado na almofada, com as pernas esticadas, e na mão direita levantada suspenso o pingalim. Dentro, reclinada no estofo escuro da carruagem a sr.ª viscondessa sorria affavel para os lados, agitando levemente a cabeça. Uma marquesinha côr de perola abrigava-a do sol. No logar da frente ia o sr. abbade, um abbade ainda novo, muito escañoado, vestido com batina lustrosa, cabeção de renda, barrete de setim levemente inclinado na corôa da cabeça. Levava as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fitos no vestido da viscondessa, um vestido verde-mar, com guarnições de renda, que se abria diante d'elle, como um le-que.

(Continua)

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

O retrato dos Paes

E a criada e o caixeiro, que os viam do patamar, abafavam com a mão na bôcca as gargalhas da traça.

Ai o diacho da velha — exclamava a criada a rir — que me parece mesmo um entrudo!

Entraram ambos na photographia Frits, da rua do Almada.

O socio do filho expelico ao retratista como desejava o grupo. Passaram ao atelier, muito desconfiados, a olharem-se de sosiaio.

O homem bufava, a suar constantemente.

Foram collocados no foco um ao pé do outro, com uma meza de permeio, e por detraz com um reposteiro azul, que cahia em

amplas dobras sobre o tapete. Quando o photographo assestou sobre elles a lente da machina, retirou de repente a cabeça de sob o panno de velludo preto que o cobria, e observou espantado:

—Então vocemecês estão a chorar?!

Enxugaram os olhos á pressa, e collocaram-se na mesma posição.

A' segunda tentativa, porém as lagrimas e os soluços irromperam violentos; e o homem da tia Anna, afastando-se da meza, dirigiu-se ao socio do filho, e expoz-lhe a chorar;

Com'assim, meu senhor, nós não tiramos o retrato. E, enxugando as lagrimas ao canhão do casaco, continuou:

—Nada: escreve v. s.ª ao meu José, e diga-lhe que não senhor, que... não pôde ser!... Se elle não quer mostrar á senhora o retrato que lhe mandamos, é o mesmo, que diga... que já não tem pae, nem mãe!

Aqui foi um soluçar afflictivo, e um abanar convulsivo de cabeça, que deixou estarecido o brazileiro.

A tia Anna concordava com o marido:

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

ESTAÇÃO CALMOSA

(Entre dois TYPOS muito conhecidos)

A pedido d'uma DAMA FE.. RENTIVEL,
Como uma rosa, N'UM JARDIM, AMAVEM,
Vou mandar á FAVA a PINGA RECREAVEM,
E arranjo uma JOIA FORMOSITIVEL,

OIBES?... ABENÇOADO SEJAS TU...
ANDAS BEM... ARRANJA ISSO...
MANDA O VINHO A' FAVA... Oibes?...
E' MELHOR A JOIA... E' VERDADE ISSO...

Ora do LUZIO, VINHISMO!
E' ESPECIATIVEL, esplendmo!...

E' MESMO... EU SEI D'ISSO...
E POR AHI TODA A GENTE diz isso...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

OFFICINA E ESTABELECIMENTO

DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortalica, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

CAZAS

Quem pretender comprar uma morada de cazas altas, novas, com quintal, armazem, poço e agua encanada, sita na Estação, proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva, da mesma rua, ou a esta redacção.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinias, rewolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E. C. Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR